



JORGE TUA PEREDA

Para quem desconhece a História, uma pedra é apenas uma pedra

Por Nuno Dias da Silva

O professor da Universidade Autónoma de Madrid fala da figura incontornável que foi Luca Pacioli, nos domínios da interdisciplinaridade e Humanismo, e aconselha os TOC a empenharem-se no estudo da História da Contabilidade, afirmando ser um ponto de partida para futuras reflexões. O catedrático espanhol elogia o dinamismo do nosso País em termos de investigação na área e o simbolismo decorrente da criação da Comissão de História da Contabilidade pela CTOC.

Catedrático em Contabilidade e investigador em História da Contabilidade, este professor da Universidade Autónoma de Madrid é autor de obras de referência como «El Concepto de la Contabilidad através de sus Definiciones», «Contabilidad y Desarrollo Económico – Un Reto para el Siglo XXI», «El Plan General de Contabilidad y el Derecho Contable» e «Las Normas Internacionales de Información Financera.» Tua Pereda tem ainda numerosos artigos escritos em revistas da especialidade.

Tua Pereda é da opinião que o decretar da morte do capitalismo foi um manifesto exagerado mas ressalva que se se tivesse aprendido com a História os erros que deram origem a esta situação dramática do ponto de vista económico e financeiro teriam sido evitados. O catedrático espanhol afirma que «esta crise vai passar» e que dentro de dois ou três anos o mundo estará melhor. Sobre os efeitos de Bolonha, defende que

a partir do momento que se conseguir «revolucionar o método de ensino», terminando com alguns vícios instalados, seguir-se-á no bom caminho.

TOC – No I Encontro de História da Contabilidade fez uma abordagem à História da disciplina, com especial enfoque em Luca Pacioli, as partidas dobradas e o Renascimento. Qual é o legado desta personalidade?

Tua Pereda – Pacioli foi, eminentemente, um matemático. No fundo, um sábio do

Renascimento. Porventura, não dos mais conhecidos, exceptuando junto dos matemáticos e arquitectos, mas se formos procurar uma biografia de Leonardo Da Vinci ou Piero de la Francesca, vamos encontrar extensas referências a Pacioli. Ele foi um cultivador do conhecimento científico no período renascentista. Aplicou a matemática à arte, à cultura, à arquitectura e ao comércio. O seu passado de relações com comerciantes permitiu que adoptasse os seus conhecimentos matemáticos na Contabilidade.

TOC – Foi essa faceta que o destacou dos demais?

T.P. – Pacioli foi um empenhado promotor da matemática em diversos domínios sociais. Fez uma chamada à Cultura, à História e ao conhecimento das nossas origens como pessoas. Contudo, o efeito no domínio da Contabilidade é menor se compararmos com o alcance no domínio do Humanismo e do Renascimento. Nessa vertente, Pacioli é uma figura incontornável.

TOC – Que representa em termos de mais-valias a constituição da Comissão de História da Contabilidade da CTOC?

T.P. – Parece-me uma ótima ideia e com futuro, em particular para a formação do Técnico Oficial de Contas. Da mesma forma que portugueses e espanhóis devem conhecer um pouco da sua própria História e do mundo, creio que os TOC devem saber algo de História da Contabilidade até porque a partir daí surgem pistas para investigações futuras, etc.

A interdisciplinaridade e o Humanismo

TOC – Em Portugal, os doutoramentos em Contabilidade e os especialistas em História da disciplina, começam a despontar. Como classifica o estado da investigação científica neste domínio no nosso País?

T.P. – Portugal desempenha, actualmente, um papel importante. Já é possível encontrar contribuições e pessoas válidas. Os países latinos,

que sempre tiveram um problema de comunicação com os ingleses, começam, a pouco e pouco, a despertar. Estamos a começar a mostrar-nos. Penso que o nível actual é francamente bom e tenderá a evoluir.

TOC – Existem jovens valores na área da investigação que são uma esperança para o futuro?

T.P. – Sem dúvida. Se observar o número de doutorados em Contabilidade e em História da Contabilidade nos últimos anos em Portugal, chegará à conclusão que o crescimento foi exponencial e a esmagadora maioria são jovens.

TOC – Qual é a importância de publicar trabalhos em revistas especializadas? Não publicar em inglês é um *handicap*?

T.P. – Tal como estão as coisas no mundo, para valorização e *curriculum*, a publicação deve ser, obrigatoriamente, em língua inglesa, em revistas prestigiadas. Isto para quem quiser enveredar por uma carreira profissional ambiciosa, pelo menos para docente.



**«Quando se vê uma pedra, caso se desconheça a História, apenas observa uma pedra. Mas se estiver por dentro da História, verá muito mais do que uma simples pedra»,
sublinha Tua Pereda**

TOC – Que podem aprender os investigadores portugueses com os estrangeiros, e em particular com os seus congéneres espanhóis?

T.P. – Em primeiro lugar, há que ter consciência da importância da História no mundo em que vivemos, eminentemente técnico e global. Os fenómenos da interdisciplinaridade e do Humanismo são lições notavelmente enriquecedoras que podemos retirar da História em geral, e em especial na História da Contabilidade.

TOC – É dos que defende que não é possível perceber o presente sem conhecer o passado?

T.P. – Como fiz questão de sublinhar nas intervenções proferidas no I Encontro, quando se vê uma pedra, caso se desconheça a História, apenas observa uma pedra. Mas se estiver por dentro da História, verá muito mais do que uma simples pedra. Isso, só por si, é muito gratificante. E também permite-nos aprender para não tropeçarmos sempre no mesmo obstáculo. É verdade que há excepções, como acontece com a crise económica e financeira que estamos a atravessar.

Normalização eleva nível da Contabilidade

TOC – Esta crise, que muitos equiparam à de 1929, podia ter sido evitada?

T.P. – Sabendo um pouco de História, chegamos à conclusão que uma situação como a actual já se repetiu uma série de vezes no passado. Mas nem sempre o saber História evita que se volte a cair nos mesmos problemas. Temos em mãos um problema muito complexo. *A posteriori* é muito fácil opinar. Uma coisa é certa: os elementos que constituem esta crise repetiram-se sucessivamente ao longo da História económica dos séculos XIX e XX. Estas lições da História podiam ter servido para prevenir, mas pelos vistos, não foi o caso. Custa-me a aceitar que a raça humana teime em não aprender com os erros.

TOC – Como está a assistir ao desenrolar do processo de normalização contabilística?

T.P. – Creio que está a elevar o nível da Contabilidade, o rigor e o interesse da informação financeira.

TOC – Pensa, como alguns especialistas dizem, que se trata de «política, pura e dura»?

T.P. – A componente política não se pode excluir de nada na vida. Mas diga-se, em abono da verdade, que perante as mudanças há sempre alguma dose de comodidade e muito resistência a mudar o «chip».

O capitalismo retoca-se, não acaba

TOC – Lopes de Sá afirma que as NIC, nomeadamente o conceito do Justo Valor, é responsável pelo colapso financeiro de muitas instituições bancárias e seguradoras nos Estados Unidos. Subscreve?

T.P. – Respeito muito a opinião do meu amigo Lopes de Sá. Creio que o capitalismo chega a um momento em que não gera os mecanismos adequados de controle e acaba perdendo o rumo, pelo Justo Valor e por muitos outros factores.

TOC – Que factores são esses?

T.P. – O ânimo exacerbado na busca da rentabilidade, o vale tudo, mesmo que seja a curto prazo, e a lógica do que venha a seguir que feche a porta.

TOC – Os fundamentos do capitalismo estão em crise?

T.P. – Se o capitalismo tivesse acabado teria sido em 1933, depois da crise de 29. Ou na década de 70, com o choque petrolífero. O que se tem feito, basicamente, é colocar remédios. Decretar a morte do capitalismo é uma barbaridade. Quem se pode convencer que acabou o capitalismo? Ninguém me vai convencer que vamos regressar às origens da revolução bolchevique. O capitalismo retoca-se, não acaba.

TOC – Nos actuais moldes, este sistema está para durar?

T.P. – O capitalismo continua a ser o capitalismo. A base do sistema está na propriedade privada e na acumulação de capital que é fundamental para o desenvolvimento económico.



«O TOC trabalha no contexto da informação. Sendo esta um bem público, quem trabalha com informação desta natureza só pode sentir-se responsabilizado socialmente», realça Tua Pereda

TOC – Esta crise financeira tem solução?

T.P. – Não sou especialista em macroeconomia, mas quem já viveu momentos difíceis no passado, sabe que a crise tem um ciclo. Não é possível que uma criança já seja madura e que um adolescente seja velho. Tudo tem solução a médio e longo prazo. Vivemos períodos cíclicos, de «vacas magras» e «vacas gordas», que acabam por se resolver a curto prazo, através de mecanismos de correcção da sua própria trajectória. Creio que dentro de 2 ou 3 anos estaremos melhor que hoje. No imediato, o importante é tomar as medidas necessárias.

TOC – Os Estados ocidentais vivem uma grande crise de recursos financeiros, debatendo-se com problemas sérios de sustentabilidade, nomeadamente ao nível da Segurança Social. Qual é o papel de responsabilidade social que os TOC podem desempenhar num contexto como este?

T.P. – Em qualquer contexto social os TOC são importantes. A informação é um bem público.

Não tenha dúvida disso. Cada vez mais o nosso desenvolvimento da economia apoia-se na informação. A informação é completamente necessária para o funcionamento do sistema económico. Sem estes dados a redistribuição da riqueza não funcionaria como deveria ser, tornando-se ineficiente. Funcionar sem informação, é como caminhar completamente às escuras. O TOC trabalha no contexto da informação. Sendo esta um bem público, quem trabalha com informação desta natureza só pode sentir-se responsabilizado socialmente.

Sócrates dizia há dois mil anos o mesmo que Bolonha preconiza

TOC – É professor na Universidade Autónoma de Madrid. Quão motivados estão os seus alunos para a temática das cadeiras que lecciona?

T.P. – A motivação dos jovens para quase tudo é escassa. Temos uma juventude muito generosa, mas com pouco interesse. Isto é um problema mundial



«Num momento de crise o que é preciso são estudantes bem preparados», defende o catedrático espanhol

que radica em diversas circunstâncias, de natureza estrutural, económica, nível de vida, etc.

TOC – Em que medidas as novas tecnologias influenciam esse comportamento?

T.P. – Penso que é um tributo que há que pagar pelo desenvolvimento económico. Com este contexto, torna-se tudo muito mais cómodo na vida e a desmotivação aumenta. Devemos mostrar-lhes com ideias e com pistas o que é a História. Porventura até se poderão interessar se a sua frequência das aulas influir para o curso, mas de uma forma geral, os jovens estão motivados para muito pouco. Nem para História da Contabilidade, nem para outras coisas. Mas é evidente que há excepções e se os alunos ouvirem de forma apaixonada algo sobre a História da Contabilidade respondem muito bem e sentem-se mais despertos para esta temática.

TOC – Como vê o desafio de Bolonha para a evolução da profissão de TOC?

T.P. – Bolonha no papel não é nada novo. É melhorar a qualidade do ensino e implantar racionalidade que deve redundar em benefício de todos. Há dois mil anos que Sócrates, o filósofo, dizia

o mesmo que Bolonha preconiza. Vai sendo tempo que façamos algum progresso nesse sentido. Francamente vislumbro aspectos positivos neste processo.

TOC – Trata-se de uma ameaça ou uma oportunidade?

T.P. – A partir do momento em que conseguirmos revolucionar o método de ensino e acabar com vícios, especialmente perniciosos, será uma boa oportunidade. Se se conseguir que os alunos e também os professores trabalhem intensamente, então Bolonha será algo renovador do sistema. Se não se fizer um esforço colectivo, Bolonha será um retrocesso.

TOC – É assumido um corte com o passado?

T.P. – Há uma ruptura com algo de negativo como a lição magistral, a falta de preparação das turmas e dos docentes. Pois, parece-me, que é um problema a que chegámos por um certo conformismo e relaxamento. Nesse sentido, o espírito de Bolonha parece uma mudança importante.

TOC – Numa altura em que a Europa se confronta com uma elevada taxa de desemprego, pensa que Bolonha vai ter reflexos positivos na taxa de empregabilidade, no médio/longo prazo?

T.P. – Os problemas universitários são muito complexos e residem na massificação, perda de qualidade, o afastamento da academia com a realidade, etc. Se Bolonha consegue resolver alguns destes problemas será uma óptima notícia para as universidades e as empresas. Se conseguirmos ensinar com os pés assentes no chão a sociedade vai absorver com mais facilidade os licenciados.

Num momento de crise o que é preciso são estudantes bem preparados. Se for o caso, penso que terão o futuro profissional e um espaço próprio na sociedade. ■